



JOÃO FILOPONO DE ALEXANDRIA NO SÉCULO XVI: UM FILÓSOFO CONTRA OS ANTIGOS OU EM DEFESA DA TRADIÇÃO?¹

MATHEUS HENRIQUE GOMES MONTEIRO ²

RESUMO: No artigo, aprofundo a discussão sobre a recepção da obra *De aeternitate mundi contra Proclum*, do filósofo João Filopono, no século XVI. Nessa obra, o filósofo alexandrino, do século VI, defende a geração do mundo a partir do nada e com início de duração, respondendo a dezoito argumentos de Proclo em favor da eternidade do mundo. No livro XI, enquanto responde a Proclo, também define a matéria primeira como o tridimensional. Comento o debate a respeito da possível influência filosófica desse conceito em filósofos modernos e, em seguida, proponho a análise do que, no século XVI, o editor e os tradutores do *contra Proclum* escreveram sobre a obra e seu autor. Defendo que, nesses escritos, João Filopono é descrito como um filósofo alinhado a Aristóteles e aos peripatéticos, porém capaz de corrigir os erros dos filósofos e usar a filosofia na defesa da religião.

PALAVRAS-CHAVE: Recepção moderna, Crítica ao aristotelismo, Matéria, Eternidade do mundo

ABSTRACT: In this paper, I delve into the discussion surrounding the reception of John Philoponus' *De aeternitate mundi contra Proclum* in the 16th century. In *contra Proclum*, the Alexandrian philosopher defends the idea of the world's generation from nothing, asserting its temporal beginning. This stance serves as a response to eighteen arguments put forth by Proclus in favor of the world's eternity. In Book XI, while countering Proclus, Philoponus also defines prime matter as three-dimensional. I explore the debate surrounding the potential philosophical influence of this definition on modern philosophers. Subsequently, I propose an analysis of the 16th-century editor and translators' perspectives on *contra Proclum*, examining their writings about the work and its author. My argument posits that, within these writings, John Philoponus is characterized as a philosopher aligned with Aristotle and the Peripatetics, yet able to rectify errors among philosophers and employ philosophy in defense of religion.

KEYWORDS: Modern reception, Criticism of Aristotelianism, Matter, Eternity of the world

Estudos recentes sobre a filosofia de João Filopono de Alexandria costumam enfatizar sua influência na história da filosofia. Dentro dessa abordagem, o Filopono teria contribuído

¹ O artigo apresenta resultados parciais da pesquisa "Matéria primeira segundo João Filopono e sua recepção no século XVI" (CAPES), desenvolvida junto ao grupo Physis, na Unicamp, e do grupo History of Philosophy, na Universidade de Princeton, no período de doutorado sanduíche.

² Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, SP). E-mail: mhgmonteiro@gmail.com.

para diversas inovações no conceito de matéria primeira (πρώτην ὕλην ou *materia prima*)³, concebido na obra *De aeternitate mundi contra Proclum*, escrita por volta de 529 d.C.

Em primeiro lugar, a obra foi um marco na própria atividade intelectual de João Filopono. Antes dela, o filósofo alexandrino definiu a matéria primeira de dois modos. Nos primeiros escritos, *in Categorias* (83,13-19) e *in Physica* (579,3-9), ela é um substrato, incorpóreo e sem forma, que recebe, primeiro, a quantidade constituinte do corpo e, em segundo lugar, as qualidades definidoras dos elementos. No comentário *in Physica*, particularmente, o Filopono distingue extensão corporal, que corresponde ao volume do corpo, e extensão espacial, que equivale ao lugar e que pode se identificar com o vazio, embora nunca esteja sem algum corpo.

Contudo, a partir de *contra Proclum*, o Filopono muda sua abordagem do assunto. Na obra como um todo, ele defende que o mundo foi gerado do nada e com um início de duração. No livro XI, enquanto faz isso, redefine matéria primeira, descrevendo-a como o tridimensional (τὸ τριχῆ διαστατὸν).

1. A possibilidade de uma influência filosófica

Para alguns historiadores da filosofia, a ideia de que a matéria primeira é o volume tridimensional representou não apenas uma crítica à física aristotélica na Antiguidade Tardia, mas também foi precursora de mudanças conceituais que integrariam a chamada Revolução Científica Moderna. Samuel Sambursky (1962, p.173-5) propõe, por exemplo, que a definição de matéria elaborada por João Filopono foi uma “posição copernicana” (*ibidem*, p.152), pois contribuiu para a rejeição da cosmologia aristotélica, que dividia os corpos entre corruptíveis e incorruptíveis por causa da sua composição material. A matéria, uma vez que seja o volume indeterminado, é igual em todos os corpos. João Filopono “não adicionou nenhum fato científico novo ao corpo do conhecimento estabelecido”, contudo, “ele via o universo sob a luz de uma nova concepção e reinterpretou os fatos” (*ibidem*, p.152). Portanto, para Sambursky, os argumentos filoponianos defendiam a unidade física e material do universo, sendo precursores de uma das ideias fundamentais da Revolução Científica dos séculos XVI e XVII. Sambursky (1962, p.165) comenta também que, segundo o Filopono, a matéria é extensão tridimensional, que é “grandeza espacial” (*spatial magnitude*) e é infinitamente divisível, razão pela qual o

³ Em português, pode-se encontrar πρώτην ὕλην traduzido por “matéria *prima*”. Opto por traduzir a locução por matéria primeira para destacar o significado de ordem, pois há referências a substratos segundo e terceiro. Quero também evitar duas confusões, uma com a palavra composta *matéria-prima* e outra com a tradução para o latim *materia prima* — na pesquisa, lido com a recepção do Filopono em latim, logo para mim é conveniente diferenciar quando se trata de uma tradução para o latim ou quando se trata do conceito, discutido aqui em língua portuguesa.

historiador da ciência considera que o conceito filoponiano antecipa o que René Descartes diz sobre a matéria.

Próximo dessa proposta, Edward Grant (1981, p.15) especula sobre a possível influência dos tipos de extensão, distinguidos em *contra Proclum XI*, sobre a compreensão do vazio como espaço interno na Idade Moderna, especialmente no sistema filosófico de Francisco Toledo⁴. Grant mostra estar ciente de que o Filopono, ele mesmo, nada diz sobre espaço interno, mas, para o historiador da ciência, era possível que “os negadores de qualquer tipo de espaço externo facilmente adaptassem as ideias do Filopono sobre a substância extensa para o conceito de espaço interno”; entre os quais Grant inclui René Descartes.

Richard Sorabji (1988, p.38-39) é quem discute mais detalhadamente as semelhanças entre o conceito filoponiano e o cartesiano. A seu ver, João Filopono entendeu a matéria propriamente como a extensão ou o tridimensional e foi, na história, o precursor dessa ideia⁵. Além disso, Sorabji propõe que um passo dos argumentos cartesianos, nos *Princípios de filosofia II*, 1–10, se assemelha ao que se encontra na obra do Filopono:

Quando Descartes declara que, se nós removermos o que não é intrínseco à natureza do corpo, chegaremos finalmente à altura, à largura e à profundidade, ele nos lembra o Filopono e sua visão de que a tridimensionalidade define o corpo (SORABJI, 1988, p.38).

A princípio, essas informações indicam que, se João não influenciou filosoficamente Descartes, ao menos antecedeu o filósofo moderno. Contudo, pondera Sorabji, as semelhanças apontadas são superficiais, pois, diferente do Filopono, Descartes não faz separação entre extensão espacial e extensão corporal, como duas extensões ontologicamente distintas, mas considera uma só extensão em diferentes modos.

Fátima Évora (1997, p.93-94), embora concorde com Sorabji, ressalta o fato de que, no Filopono, essa distinção está presente explicitamente apenas no comentário à *Física*, deixando de aparecer em obras posteriores, como o *contra Proclum*. Christian Wildberg (1988, p.205-206) pondera outro problema, de que não está claro nos textos do Filopono se um volume material, radicalmente distinto do espaço, fosse pensado por ele para integrar seu sistema filosófico.

⁴ D. Francisci Toleti. Societatis Iesu, Commentaria una cum Quaestionibus in Octo Libros Aristotelis de Physica auscultatione. (Franciscus Toletus, in Physica, 1572).

⁵ Sorabji distingue, em sua análise, as categorias de influência direta e de “sucessão” (no inglês, *sequel*). Ele considera que, antes do Filopono, os estoicos tinham compreendido a matéria como essencialmente extensa, porém não foram tão longe quanto o Filopono, que definiu a matéria como a extensão ou o tridimensional.

De minha parte, entendo que, no *contra Proclum*, o problema central diz respeito à duração do universo. Não é recomendável perder isso de vista. É difícil precisar o significado da definição filoponiana de matéria — mais precisamente, de matéria primeira —, pois ela é apresentada em uma resposta a Proclo, desempenhando um papel instrumental no processo argumentativo, que tem como alvo o raciocínio de Proclo em favor da eternidade do mundo.

Ao longo de sua argumentação, existe uma ampla margem para imprecisões, desacordos, lacunas e contradições⁶. Podemos estar diante de proposições que não foram concebidas para sistematizar uma teoria física, ou ainda não estavam totalmente amadurecidas para isso. Só não vou tão longe a ponto de afirmar que João Filopono não pretendeu elaborar uma nova definição e integrá-la à sua atividade filosófica, porque, como Simplício atesta no seu comentário ao *De caelo* I, 3 (Heiberg 135,21–136,1), o Filopono emprega a matéria tridimensional na obra *De aeternitate mundi contra Aristotelem*, posterior ao *contra Proclum*.

Ademais, penso que, no âmbito metodológico, os referidos estudos se focam no aspecto lógico e conceitual, comparando o Filopono grego antigo com os filósofos latinos modernos e evitando discutir os fatores de produção, transmissão e recepção textuais. Como esclarece Charles Schmitt (1987), além da análise conceitual e da comparação entre textos, pode-se discutir a influência de João Filopono selecionando citações ou referências relacionadas a ele na produção filosófica do início da modernidade e analisando-se as edições e traduções de seus livros, publicados no século XVI.

Se quisermos compreender a influência da filosofia de João Filopono pela sua fundamentação histórica, devemos estudar a sua versão latina, *Philoponus latinus*, aquela com a maior probabilidade de ser conhecida pelos filósofos modernos. E porque os editores e tradutores, que forjaram essa versão, foram eles próprios filósofos e leitores, esta investigação pode ser enriquecida pela sua compreensão da filosofia, que pode ser estudada por meio das cartas e prefácios, publicados com o texto filoponiano⁷.

2. Transmissão e recepção do *contra Proclum* na Europa, no século XVI

Contra Proclum foi escrito por João Filopono, em Alexandria, em data próxima à intervenção de Justiniano na escola de Atenas, no século VI. Assim como o restante de sua extensa produção

⁶ Isso é evidente no desacordo entre os historiadores da filosofia, em uma série de publicações recentes. Cf. SAMBURSKY, 1962; SORABJI, 1988; WILDBERG, 1988; ÉVORA, 1997, 2000; DE HAAS, 1997; MUELLER-JOURDAN, 2011.

⁷ Avanço uma discussão proposta por Schmitt (1987) e um argumento parcialmente desenvolvido em artigos anteriores. A diferença é que, no presente, voltando-me aos envolvidos na produção do texto (edição e tradução), concentro-me no que editores e tradutores, também filósofos, refletiram e comunicaram sobre o *contra Proclum* e sobre as contribuições filosóficas de João Filopono.

intelectual, esse livro circulou quase exclusivamente entre filósofos judeus e árabes, entre os séculos VIII e XI. No meio cristão bizantino, a condenação do Filopono por heresia deve ter desencorajado o contato com seus textos, e é plausível que, por razão semelhante, os cristãos latinos tivessem um conhecimento limitado, senão nulo, a respeito deles.

Mas seria um erro presumir que João tenha passado totalmente incógnito pela Europa medieval. No século XIII, além de um comentário ao *De anima* atribuído ao filósofo alexandrino, havia referências a “João, o Gramático” ou ao “Filopono” em comentários a Aristóteles usados nas escolas. Por exemplo, nos comentários de Averróis, no *Guia dos perplexos* de Maimônides e no comentário de Simplício ao *De caelo*, que menciona explicitamente o *contra Proclum*⁸. Com base neste último, Tomás de Aquino reconhece o Filopono como alguém que usa a autoridade de Platão para afirmar que o corpo celeste e o universo são gerados, além de atribuir ao filósofo alexandrino a ideia de que não existe diferença material entre corpos celestes e sublunares⁹.

Ademais, podia-se ler sobre João Filopono na obra *Léxico de Suídas*, ou simplesmente *Suídas*, um compêndio da cultura helenística escrito no Império Bizantino, no século X. É plausível que a obra em grego estivesse disponível na Europa, ao menos, no início do século XVI, pois é citada por Aldo Manúcio no prefácio à edição do comentário do Filopono aos *Segundos analíticos*, em 1504¹⁰. *Suidas* foi editada e publicada por Manúcio em 1514. Depois, foi traduzida para o latim por Hieronymus Wolf, em 1564¹¹.

Nos verbetes sobre João Filopono e Proclo, é notável a referência ao *contra Proclum*, que é apresentado como um livro de defesa do cristianismo, em resposta à “*impuram et contumeliosam linguam*” de Proclo. Apesar dessa e das referências anteriores, o livro não ficou disponível na Europa até a época em que as obras de João Filopono e de outros comentadores antigos fossem recuperadas por Aldo Manúcio e seus colaboradores, na transição do século XV para o XVI.

A edição do texto grego do *contra Proclum* foi realizada por Vittore Trincavelli (Victor Trincauellus), médico e professor de medicina, com passagens pelas universidades de Bolonha,

⁸ Cf. SIMPLÍCIO, in *De caelo* I, 3 (Heiberg 135,21–136,1). O comentário de Simplício ao *De caelo* foi traduzido, do grego para o latim, por Guilherme de Moerbeke, no final dos anos 1260. Essa versão foi usada por Tomás de Aquino e continuou a ser a única tradução do comentário, inclusive no século XVI.

⁹ Cf. TOMÁS DE AQUINO, in *De caelo* I, l.6. §3 (Leonina, 1886, p.23).

¹⁰ Ioannis Grammatici in Posteriora Resolutoria Aristotelis Commentarium. Incerti Authoris in eadem. Eustratii in eadem. O comentário do Filopono aos *Segundos analíticos* foi editado e publicado por Aldo Manúcio, em 1504.

¹¹ *Suidae historica*, Caeteraque omnia que ulla ex parte ad cognitionem rerum spectant, solis verborum explicationibus (quae quidem in vulgatis lexicis passim extant) praetermissis: Opus iucunda rerum varietate et multiplici eruditione refertum. Basileae: Apud Ioannes Oporinum et Heruagium, ca. 1564. Cf. p. 421; 824-825. Ver também *Suidae Lexicon* (Bekker 546g; 888b).

Pádua e Veneza (FORTUNA, 2019). Mesmo faltando alguns capítulos, do início e do fim, o livro foi publicado quase inteiro, em 1535, pela casa editorial de Benedetto Zanetti¹².

No prefácio, Trincavelli explica ao senador Lorenzo (Laurentius Bragadenus) sua decisão de editar o livro. Ao consultar o catálogo da Biblioteca Republicana, em Veneza, encontrou entre os muitos títulos de sabedoria antiga alguns manuscritos do *contra Proclum*, no qual viu um exemplo valioso de um homem, João Filopono, que defendeu a doutrina cristã considerando a filosofia e a revelação juntas, sem exclusão ou oposição.

Tenho considerado que não é necessário desistir de publicar o livro por qualquer imperfeição ou mutilação, porque o livro não terá sido menos útil aos adoradores da filosofia da nossa época, principalmente àqueles de número não desprezível que tiverem o julgamento — se agrada aos deuses — tão desviado que dizem não poder se considerar filósofos eminentes, a menos que continuem a ser suspeitos de heresia na sua ciência, como se, preferindo a verdadeira filosofia, ou qualquer outra forma de verdade, fosse necessário discordar da verdade cristã (Carta-prefácio a Lorenzo Bragadeno. Trincavelli, 1535, ii,37–41)¹³.

Alguns podem estranhar que um médico, erudito e autor de livros sobre infecções, se preocupasse com questões religiosas. O fato é que, naquele contexto de reformas religiosas e de conflitos entre reinados católicos e protestantes, também se observava um renovado “averroísmo latino” nas universidades italianas. Historicamente, o averroísmo¹⁴ italiano é tributário às obras de João de Jandun (1285-1328) e de Marsílio de Pádua (1270-1342) e se desenvolveu, principalmente, nas universidades de Bologna e de Pádua. *Grosso modo*, os averroístas podiam ser desde professores que usavam os comentários de Averróis para interpretar os livros de Aristóteles até aqueles que advogavam a unidade do intelecto, a mortalidade da alma, a eternidade do mundo e, para evitar conflitos com a Igreja, a tese da

¹² Desde essa edição, acusou-se a falta dos primeiros dois capítulos e do último capítulo, além das péssimas condições do que seria o prefácio. Os tradutores, que veremos a seguir, também mencionam essas condições, inclusive informando que buscaram, eles mesmos, por manuscritos completos, mas sem sucesso. Na edição crítica, preparada por Hugo Rabe no século XIX, ainda constam essas faltas.

¹³ “qua de re committendum non putavi, ut liber hic quamvis imperfectuus et mutilates, non ederetur, cum non mediocri usui nostrae tempestatis philosophiae cultoribus sit futurus, et iis praesertim, quorum non exiguus est numerus, qui adeo sunt (si diis placet) deprauato iudicio, ut nullo pacto magnos se philosophos haberi posse opinentur, nisi aliquam haeresis suspicionem scientiae suae praetendant, perinde ac si ueram philosophiam, aut quoduis aliud ueri speciem aliquam praeseferens, a christiana ueritate dissentires sit necessarium.” Para referência: Parte da publicação. Edição ou tradução, ano, página-linha. As partes da publicação podem ser prefácio, cartas, poemas e texto do *contra Proclum*. A paginação pode ser atribuída (i, ii, iii...), especialmente na parte dos elementos pré-textuais, ou pode ser da própria publicação, geralmente presente na parte textual. Ainda uma palavra sobre a expressão “nostrae tempestatis philosophiae”: além do significado “da filosofia da nossa época”, pode-se encontrar o significado “da nossa tempestade da filosofia”. Podemos supor que se trata de um trocadilho, considerando a erudição do autor e a agitação por ele descrita nas escolas.

¹⁴ É prudente lembrar que o termo *averroísmo* pode nos enganar no esforço de descrever a realidade do debate filosófico naquele contexto, porque o termo acrescenta uma unidade hipotética a uma gama não tão coerente e constante de ideias, mas, pelo menos, pode ajudar-nos a ter em mente algum contexto instrutivo. Ver HANKINS, 2007, p.30–48.

“dupla verdade” — uma da filosofia, outra da revelação¹⁵. Não obstante, como veio a ponderar a historiografia filosófica recente, o ponto central dessa tradição era conceber a filosofia como o ápice da sabedoria, sem dependência da religião.

Trincavelli, formado na universidade de Pádua e, até 1535, experimentado na docência em várias instituições italianas — inclusive em sua *alma mater* —, observou um ambiente de disputas, provavelmente alimentadas pela disposição de alguns em filosofar com independência epistemológica em relação à teologia e institucional em relação ao magistério da Igreja. A crer em suas palavras, a suspeita de heresia era até motivo de orgulho. Entre as disputas, a questão da eternidade do mundo provavelmente se destacou e deu a Trincavelli motivos para editar o *De aeternitate mundi contra Proclum*. Para o editor Trincavelli, a obra de João Filopono colaborava com o projeto de resgatar o Aristóteles grego, anterior aos comentários árabes¹⁶. E para o filósofo Trincavelli, a atitude do Filopono era exemplar, pois combinava a busca da verdade, na filosofia, em harmonia com a fé na revelação cristã.

Mas estes certamente aprenderão com o ensinamento do próprio Filopono que tudo o que é verdadeiro é tão consistente com a nossa religião que, em se afastando dela uma unha, isso não será verdadeiro nem filosófico. Pois ela trata das dificuldades propostas tanto pela piedade quanto pela doutrina e explica que nela a religião mais elevada está unida à sabedoria mais elevada, para que todos possam fazer a profissão facilmente, como dizem, a uma só voz (Carta-prefácio a Lorenzo Bragadeno. Trincavelli, 1535, i,37–41)¹⁷.

Gaspare Marcello (Gaspar Marcellus), professor de medicina em Pádua, foi o primeiro a traduzir *contra Proclum* para o latim. A publicação foi em Veneza, em 1551. Provavelmente, Marcello usou a edição de Trincavelli. Na carta-prefácio, dirigida ao papa Júlio III, em meio a profusão de elogios ao pontífice e ao senador Giovanni Cornello, mostra também preocupação

¹⁵ No século XIII, na França, o averroísmo foi associado aos nomes de Sigério de Brabante e Boécio de Dácia, professores de artes liberais na universidade de Paris. Além da oposição de outros professores, com destaque para os teólogos, os averroístas eram o principal alvo das condenações do bispo Étienne Témplier. Na condenação de 1277, Témplier acusou uma tendência preocupante entre estudantes e filósofos, pois aceitavam, por exemplo, provas para um mundo eterno e, ao mesmo tempo, professavam o início da duração, conforme proposto pelo Quarto Concílio de Latrão, em 1215. O bispo condenou diversas proposições que afirmavam o universo sem começo e sem fim (4, 5, 12, 31, 45, 107, 109, 202 e 203, segundo a edição de Mandonnet), mas a condenação não pôs fim às disputas, que prosseguiram na oposição, ou na conciliação, dos argumentos aristotélicos com a doutrina religiosa estabelecida. Ver a introdução e as notas de SINGER OF BRABANT; VOLLER, C.; KENDZIERSKI, L. H.; BYRNE, P. M. *On the eternity of the world*. Marquette University Press, 1984. (Medieval philosophical texts in translation).

¹⁶ “Em Veneza, Trincavelli foi o mais ilustre representante da nova medicina que pretendia superar a árabe e regressar aos textos gregos originais de Hipócrates e Galeno.” (FORTUNA, 2019).

¹⁷ “At discent hi profecto ipso nunc docente Philopono adeo quicquid uerum est nostrae religioni consentaneum esse, ut siquid forte ab ea uel transuersum unguem discedat, id omne nec uerum sit, nec philosophicum. Ea enim et pietate et doctrina propositas difficultates pertractat, ac explicat, ut summam in eo religionem summa cum sapientia coniunctam esse, omnes uno (ut aiunt) ore facile sint professuri.”

com o ensino filosófico. Contudo, a meu ver, o mais interessante é sua avaliação da questão da eternidade do mundo:

Na verdade, das muitas e quase infinitas questões que existem na filosofia, sobretudo aquela que tu, príncipe doutíssimo, não ignoras, que é sobre a eternidade do mundo, sempre foi considerada muito difícil e extremamente nobre. Pois o universo, em sua complexidade, contém outras coisas, cujas partes são mais nobres ou mais ignóbeis. Sem explicá-las, como o todo e as partes se relacionam mutuamente, a questão da eternidade do mundo não pode ser sustentada e explicada, e eu a larguei (Carta-prefácio a Júlio III. Marcello, 1551, vii,40–43)¹⁸.

Marcello confere importância à questão da eternidade do mundo e, simultaneamente, expressa ceticismo quanto a sua solução. Sua justificativa é que, na questão, se discute o *mundus* ou *universum* — o todo ordenado —, cuja ordem é complexa, contendo partes mais perfeitas (*nobiles*) que outras. Se as partes não são explicadas, em razão de sua elevada perfeição ou de sua profunda obscuridade, não se entende a conexão entre elas, nem entre elas e o todo. Sem esse entendimento, faltam argumentos para concluir, com certeza, qual é a duração do mundo.

A justificativa de Marcello se afasta tanto de Proclo, que pretende demonstrar a eternidade, quanto de João Filopono, que deseja provar o início de duração. Mesmo sem declarar, Marcelo alinha-se, na história da filosofia, às posições de Moisés Maimônides e de Tomás de Aquino, segundo as quais não é possível resolver a disputa sobre a duração do universo por meio de demonstração¹⁹. Para eles, Aristóteles, mesmo defendendo a eternidade do mundo, teria classificado o tema como objeto de argumentos dialéticos ou de probabilidade, nos *Tópicos* I, 11.

Contudo, é curioso que Marcello insira, no título de sua tradução, referência à *Física* VIII, onde Aristóteles argumenta em favor da eternidade do movimento, em uma demonstração da existência do primeiro motor imóvel. Marcello achou razoável associar as obras de Aristóteles e do Filopono, deixando-nos com dúvidas sobre seu real entendimento da questão. Uma pista pode estar na ênfase que Marcello dá ao prazer. Não importa o que alguém investigar ou contemplar, pois a ideia ou o exame (*notio*) do mais perfeito gera prazer (*excitat uoluptatem*)²⁰. No estudo da

¹⁸ “quippe ex multis ac pene infinitis quam habentur in philosophia, quaestionibus imprimis illa quod tu doctissime principis minime ignoras, quam est de mundi aeternitate, cum praedifficilis tum magnopere nobilis semper iudicata est. nam universum suo complexu res caeteras, quam sui sunt partes se tum nobiliores tum ignobiliores, continet, quibus non explicatis, cum mutuo se respiciat totum et partes, quaestio de mundi aeternitate haberi, et explicari, absoluique non ualet.”

¹⁹ Ver DALES, R. C. *Medieval Discussions of the Eternity of the World*. Leiden; New York; Kobenhavn; Köln: E. J. Brill, 1990. (Brill's Studies in Intellectual History).

²⁰ “Mesmo se as partes estejam ligadas por nexo mútuo, tanto entre si quanto com o todo, as menos faria diferença o que você viesse a tomar para discussão e contemplação, pois a ideia de toda coisa não produz igualmente prazer em nós, mas, quanto mais nobre cada coisa é, mais prazer sua ideia gera.” Tradução de: “Et si cum toti tum inter

natureza e das artes liberais, o simples ato de especular sobre o que é mais perfeito é prazeroso, servindo simultaneamente de motivação e de recompensa ao filósofo. Esse prazer atinge o máximo quando se considera o artífice do mundo. A especulação sobre Deus, “declarando para nós a majestade e a eminência dele”, compele o estudioso a julgar todo o restante como nada²¹.

Não tão longe no espaço e no tempo, Jean Mahot (Ioannes Mahotius) foi o outro tradutor do *contra Proclum*. Foi professor de filosofia, a serviço do cardeal François de Tournon, conhecido defensor dos estudos humanísticos. A tradução, publicada em Lyon, em 1557, foi um pedido do cardeal a Mahot. Na primeira das cartas-prefácios, publicadas junto com livro, Jean Mahot conta que esse pedido lhe chegou depois de um debate entre François de Tournon e outros “homens doutos”:

[...] quando, recentemente, havias discutido com excelência e acurácia muitas coisas sobre filosofia no círculo de homens doutos — os quais favoreceste com tua exímia liberalidade e entre os quais te deleitaste como de costume —, fez-se menção à eternidade do mundo dos antigos filósofos, e tu que és peculiarmente curioso sobre todos os bons escritores, sobretudo os que empregam a persuasão para nossa perseverança na religião cristã, lendo prontamente o que João Gramático, chamado o Filopono, escreveu contra Proclo a respeito da eternidade do mundo, disseste que foste tomado pelo desejo (Primeira carta-prefácio de Jean Mahot a François de Tournon. Mahot, 1557, i,13–21)²².

Na mesma carta-prefácio, Jean Mahot parece preocupado com a qualidade das traduções. Assim como Trincavelli e Marcello, ele descreve um texto incompleto, faltando os dois primeiros capítulos e o último. Procura manuscritos nas bibliotecas, como se lê na primeira carta de Lambine Mahot ao tradutor. Lambine Mahot declara a Jean que procurou manuscritos na Biblioteca Antonina²³, em Veneza, mas não conseguiu encontrar versões completas. Por

se, et alia aliae partes nexu mutuo iungantur, tamen non minimum refert, quam rem sumpseris tractandam, et speculandam, non enim aequae rerum in nobis omnium notio oblectationem gignit, sed ut quaeque res nobilior, ita notio maiorem excitat uoluptatem.” (Marcello, 1551, vii,43–45)

²¹ “[...] como os príncipes da sabedoria proclamam, há muita doçura no exame e na contemplação das coisas naturais, porém ela será maior se adicionarem o autor da natureza. Quanto está o criador isento da imperfeição dessa mesma natureza, tanto se acrescenta de doçura e prazer à especulação sobre ele. Porém, aqui, a numerosa e variada especulação e investigação sobre o primeiro artífice das coisas, declarando-nos sua majestade e eminência, eleva-nos e alegra-nos, e é necessário, incita-nos a pensar no resto como nada.” Tradução de: “[...] ut sapientiae proceres produnt, maior rerum a natura constitutarum consideratio, et contemplatio erit, multum est suavitatis, si de naturae erit auctore, addet, et quantum a naturae imperfectione eiusdem conditor abest, totum in eius speculatione de uoluptatis additur dulcedine. hic autem plurima et varia de primo rerum artifice speculatio, et indagatio eiusdem nobis maiestatem, ac eminentiam declarans erectiores, elatioresque nos reddat, necesse est, ac pro nihili caetera putare compellat.” (Marcello, 1551, vii,48–viii,3)

²² “[...] quod cum nuper in doctorum hominum corona (quos tu eximia tua liberalitate fues, et quorum consuetudine unice delectaris) de philosophia egregie multa, et acute disputauisses, ueterum philosophorum de mundi aeternitate facta est mentio, ubi tu (ut omnium bonorum scriptorum, et eorum praesertim, quae ad retinendam nostram in christiana religione persuasionem pertinent, mirum in modum es studiosus) statim ea legendi, quae Ioannes Grammaticus, cognomento Philoponus, aduersus Proclum de mundi aeternitate scripsisset, te desyderio teneri dixisti.”

²³ Hugo Rabe (1899, Prefatio, p.ix) comenta que a biblioteca foi destruída em um incêndio, no século XVIII.

isso, era possível que Jean Mahot não tivesse utilizado a edição de Trincavelli ou, pelo menos, não apenas essa edição.

Sobre o processo de tradução, Jean o entende como uma tarefa delicada, pois a língua grega é muito expressiva, mas parte de sua expressividade pode ficar comprometida durante a conversão para o latim.

Porém, nestas traduções, não imitei o refinamento ou a elegância do discurso, pois este gênero de escrever é filosófico, tal que considero estar persuadido de que, sendo o discurso em latim e as palavras as de costume, o intérprete não deve se preocupar com o restante, pois toma-se aqui todo cuidado com o que, nesta sutileza de discussão, não pode exprimir descuidadamente quem deseja imitar o estilo do discurso. Isso porque a fecundidade da língua grega é abundante para exprimir essas coisas com palavras apropriadas, as quais, traduzidas para o latim, perdem a graça da elegância anterior e não podem ser omitidas tranquilamente, nem serem trocadas ao acaso, sem haver dano à sentença (Primeira carta-prefácio de Jean Mahot a François de Tournon. Mahot, 1557, ii,1-7)²⁴.

Jean Mahot está ciente das escolhas técnicas a serem feitas, pois o *contra Proclum* está escrito em linguagem filosófica. Ele traduz a obra filoponiana usando vários termos e expressões que se tornaram padrão na tradição de comentários e disputas. Por exemplo, ele traduz *ousia* por *substantia*, uma das muitas palavras rejeitadas pelos tradutores humanistas, que estavam dispostos a emular o estilo ciceroniano e outros modelos clássicos²⁵. Em contrapartida, ele apoia o estudo das letras e dos antigos, louvando o apoio dado pelo cardeal²⁶. Nesse sentido, Jean adota uma postura conciliatória, pois trabalha o estilo linguístico, mas também se preocupa em atender às expectativas do seu público nas instituições de ensino.

Como a tradução de *contra Proclum* não ocorreu a Jean Mahot como objeto de interesse pessoal, não é de admirar que ele não tenha demonstrado entusiasmo pela questão da eternidade do mundo, nem pela discussão da matéria primeira. Com efeito, na segunda carta ao cardeal, Jean declara estar mais interessado nas disputas sobre a alma e suas partes ao dizer que: “na filosofia, como um todo, nenhuma parte é mais doce do que aquela dedicada a explicar a obscuridade da

²⁴ “Neque uero in hisce conuertendis, orationis cultum aut elegantiam consecratum sum. Philosophicum enim hoc scribendi genus, eiusmodi esse persuasum habeo, ut dum latina sit oratio, et uerba usitata, interpres de reliquis non debeat laborare, e re enim omnis hic cura suscipitur: quam in hac disputandi subtilitate expremere haud temere possit, qui orationis ornatum consecrari uolet Graecae enim orationis felicitas uerbis ad haec exprimenda accomodis abundat, quae in latinum conuersa, prioris elegantiae gratiam amittant, nec nisi sententiae dispendio, aut secure omiti, aut temere commutari possint.”

²⁵ Ver COPENHAVER, 1998, p. 77-110; LOHR, 2003.

²⁶ “Todos sabem que és tão estudioso de todas as letras e da filosofia antiga que julgas ser mais digno de louvor os que se dedicam a explicar, embelezar e divulgar os escritos dos antigos, em todo gênero de disciplina, do que os que imprimem volumes novos sobre tema semelhante.” Tradução de: “Omnes enim te cum omnium literarum, tum ueteris philosophiae tam studiosum esse nouerunt, ut eos laude maiore dignos esse putes, qui ueterum scripta in omni disciplinarum genere illustrare, ornare, et diuulgare student, quam eos, qui in simili argumento noua cudunt uolumina.” (Mahot, 1557, iv,38-41).

natureza; entretanto, o primeiro lugar nesse estudo, sem dúvida, pertence à parte que discute sobre a alma e suas partes”²⁷. Como diria Cícero, é importante saber o que é bom para si mesmo (*ut bona nostra norimus*), e Jean Mahot completa o raciocínio, afirmando que só se pode conhecer o bem pessoal estudando a natureza da alma humana e sua origem divina. Por isso, declara a intenção de traduzir o comentário do Filopono sobre *De anima*, mas, até onde se sabe, não concretizou esse projeto²⁸.

A forma como Jean Mahot vê o *contra Proclum* é mais evidente na sua primeira carta ao cardeal François de Tournon. É evidente que ele quer agradar à autoridade religiosa, mas podemos notar em sua eloquência uma avaliação pessoal sobre a obra. Segundo ele, *contra Proclum* exige homens educados em todas as formas de discurso (*oratio*), familiarizados com as filosofias aristotélica e platônica. Os argumentos “inteligentes e eloquentes” do Filopono constituem também uma refutação do “ímpio Proclo”, que argumentou “furiosamente” contra os cristãos²⁹. Esta última razão pode ter sido relevante para o cardeal, porque François de Tournon tinha interesse em conhecer de “bons escritores, sobretudo os que empregam a persuasão para nossa perseverança na religião cristã”.

Uma impressão mais detalhada sobre *contra Proclum* é oferecida por Clément Mahot, irmão de Jean Mahot, no prefácio da tradução. Clément, dirigindo-se ao cardeal, começa por descrever o ambiente cultural desse período, onde destaca o abundante número de publicações, especialmente manuais de diversas disciplinas. Ele considera grande parte desses livros inúteis, exceto para satisfazer a ânsia dos autores por alguma reputação entre os homens educados de seu tempo³⁰. É por isso que Clément elogia o gesto do cardeal de ordenar a tradução dos bons autores, os antigos filósofos gregos, como João Filopono. A versão latina ajudaria a difundir a sabedoria antiga, e o Filopono seria um modelo a se seguir na defesa da doutrina da fé, um exemplo de filósofo peripatético que dedicou a sua vida a todos os domínios da filosofia para explicar a obscuridade da natureza.

²⁷ “Nam in tota philosophia cum nulla sit ea parte sauior, quae in naturae obscuritate explicanda consumitur: in hac tamen primum locum sine controuersia tenet, quae de anima, et partibus eius instituta est disputatio.” (Mahot, 1557, iv,23–25)

²⁸ “Iam uero ne hoc opere absoluto horis succisiuius nihil agerem, eiusdem Philoponi commentarios in libros Aristotelis de anima latinos facere sum aggressus. Quod opus mihi omnium pulcherrimum esse uidetur, quae a Philopono in philosophia scripta fuerunt eorum certe, quae ad nostram aetatem peruenerunt.” (Mahot, 1557, iv,19–22) O comentário ao *De anima* já havia sido traduzido por Moerbeke, no século XIII.

²⁹ Deve estar claro que, entre editor e tradutores, Proclo é unanimemente um adversário dos cristãos. Contudo, vale deixar registrado que, para a historiografia filosófica recente, os motivos de Proclo para escrever os dezoito argumentos podiam estar ligados a controvérsias dentro da escola de Atenas. Cf. MACRO; LANG, 2001.

³⁰ “unde apud posteros, uel, ut uerius dicam, apud praesentes (sic enim sibi persuadent) suum nomen reddant illustrius. Ex quo factum est, ut nostra aetas, institutionum grammatices, dialectices, rhetorices, adde physices, cosmographices, et omnium artium et disciplinarum infinitam multitudinem pepererit, ut iam, quoquo te uertas, libros nouos plures et inutiles proferre, quam bonos auctores hodie possis.” (Mahot, 1557, ix,13-1)

O leitor do século XXI, habituado a ver João Filopono como um crítico de Aristóteles e um filósofo da escola de Alexandria, pode sentir-se desconfortável com a qualificação “peripatético” que lhe é dada, como se ele fosse um discípulo de Aristóteles ou alguém que seguiu ideias aristotélicas. Não obstante, este é exatamente o tratamento que o Filopono recebe de Clément Mahot:

Pois, ele perseguiu todas as coisas com tal diligência que, ao refutar esses argumentos de Proclo, não deixou intocada a discussão daquela parte da filosofia que é gasta na explicação da obscuridade da natureza. Não, para falar mais verdadeiramente, veremos que ele tocou todas as partes de toda a filosofia, às vezes em parte, às vezes primorosamente. Pois, descobrir-se-á que, quando Aristóteles e toda a escola peripatética dividiram os estudos da filosofia na parte que é percebida pelo conhecimento e naquela que é colocada em ação, expuseram cuidadosa e agudamente os mais belos teoremas de ambos (Prefácio de Clément Mahot. Mahot xi,18–26)³¹.

Clément Mahot explica em detalhes quais partes da filosofia o Filopono discutiu, uma vez que imitou Aristóteles e os peripatéticos. No que diz respeito à cognição (*cognitio*), Clément identifica três ciências: a física, que fornece conhecimento por meio da sensibilidade; a matemática, que conhece tanto pelos sentidos como pelo intelecto; e a metafísica, que depende apenas do intelecto. O objeto da física é absolutamente material e sujeito a mudanças. Os objetos matemáticos existem na matéria, mas podem ser separados pelo intelecto. E a metafísica trata apenas de entidades imateriais, “elas estão isentas de toda mudança, são divinas e eternas, de modo que nunca se afastam de sua essência, como Deus, a mente e a alma imortal”³². Nesta divisão das ciências, vemos que a matemática tem um estatuto intermediário. Clément utiliza a distinção entre quantidades discretas e contínuas para dividi-la em mais quatro disciplinas: por um lado, aritmética e música; por outro lado, geometria e astronomia. Diferentemente, as ciências que investigam a ação humana são três: a primeira trata dos hábitos individuais (ética), a segunda ordena sabiamente a gestão doméstica (economia) e a última estabelece a melhor forma de governo e comunidade (política). Nessas ciências, o Filopono procurou a verdade e, como a entende Clément Mahot, não se omitiu de corrigir os erros de Aristóteles e de Platão.

³¹ “Tanta enim diligentia omnia persequutus est, ut in hisce Procli rationibus refellendis, nullam eius partis philosophiae disputationem, quae in naturae obscuritate explicanda consumitur, intactam omiserit, imo, ut uerius dicam, totius philosophiae parteis omnes, alias quadam ex parte attigisse, alias exquisite persequutus esse uidebitur. Nam cum Aristoteles et tota peripateticorum schola philosophiae studia in eam partem, quae cognitione cernitur, et in eam, quae posita est in actione, diuiserit, utriusque pulcherrima theoremata diligenter et acute explanauisse comperietur.”

³² “in haec omnis mutationis immunes hic diuinae sunt et sempiternae, ut a sua essentia nunquam dimouerantur, ut Deus, ut mens, ut spiritus immortalis.” (Mahot xi,36–38).

Portanto, este nosso autor perseguiu todas essas coisas de modo admirável. Pois, em seus escritos sobre filosofia, na qual não foi menos versado do que qualquer outro antes, demonstra que imitou Aristóteles e aqueles que o seguiram como peripatéticos. Porém, como nunca escondeu a verdade de seus amigos estudiosos da filosofia, refutou e derrubou completamente os erros de Aristóteles e de seus intérpretes sempre que necessário. Não, além destes e dos sofistas inábeis, entre os quais Proclo é eminente, ele também condenou nesta sua obra os erros do próprio divino Platão mais severamente (Prefácio de Clément Mahot. Mahot xii,31–xiii,8)³³.

Clément Mahot não esclarece qual erro Aristóteles poderia ter cometido. Podemos supor tratar-se da eternidade do mundo, pelo menos, que é julgada uma proposição falsa e herética e que, no *contra Proclum*, seria refutada por João Filopono. No caso de Platão, a correção envolveu o tratamento platônico das ideias como “primeiras substâncias separadas de toda matéria”. Além disso, havia muitas proposições platônicas que, nas mãos de Proclo, eram usadas para demonstrar a eternidade do mundo³⁴. Contudo, ele atenua essa correção, dando a desculpa de que, mesmo se essas proposições fossem mesmo de Platão, havia diversas interpretações equivocadas sobre elas, como a de Proclo que, semelhante aos sofistas, supostamente distorceu os argumentos platônicos a seu favor³⁵. João Filopono seria, então, útil à interpretação de Aristóteles e de Platão, combatendo esses equívocos³⁶.

³³ “Haec igitur omnia hic noster autor mirum in modum est persequutus. Nam in philosophia, in qua se non minus uersatum fuisse, quam quiuis alius unquam fuit, suis scriptis demonstrat Aristotelem, quique eum sunt sequuti peripateticos, est imitatus. sed ita tamen, ut amicos philosophiae studiosos ueritatem nunquam celauerit, hoc est Aristotelis, eiusque interpretum errores, quoties opus fuit, refutauerit ac prorsus euerterit. imo uero praeter hos, et sophistas imperitos, inter quos Proclus egregius est, ipsum quoque diuinum Platonem suorum erratorum, in hoc suo opere, damnauit durissime.”

³⁴ “Como quando Platão não teve medo não só de chamar as ideias ou espécies de substâncias, como, também, declarou-as substâncias primeiras separadas de toda matéria. Ademais, muitas coisas foram ditas por Platão, com as quais Proclo tentou, com argumentos mais firmes, provar a eternidade do mundo. Se elas são verdadeiras ou falsas, deixo isso à opinião sincera e ao juízo apurado do leitor douto.” Tradução de: “ut quando Plato non ueritus est ideas siue species non solum substantias appellare, sed etiam primas substantias ab omni materia seiunctas esse pronuntiauit. Multa sunt praeterea a Platone dicta, quibus Proclus ranquam firmissimis argumentis mundi aeternitatem ostendere nititur, quae utrum uera sint an falsa, syncerae opinioni et exquisito lectoris docti iudicio relinquo.” (*ibidem*, Mahot xii,39–43).

³⁵ “Ou, se isso certamente tivesse sido declarado por Platão, o sofista Proclo entendeu-o incorretamente e distorceu-o com excessiva extravagância a seu favor, o que, durante a leitura, qualquer estudioso da filosofia entende tanto pelas mais certas refutações do Filopono quanto pelas conclusões enganosas de Proclo.” Tradução de: “Aut si certe ab ipso Platone pronuntiatum fuerit, id Proclus sofista perperam intellexit, et ad suum sensum nimia luxurie detorsit, ut inter legendum quilibet philosophiae studiosus facile tum ex Philoponi acutissimis refutationibus tum ex Procli captiosis conclusionibus intelliget.” (*ibidem*, Mahot xiii,4-8).

³⁶ A ideia de seguir a verdade, estando disposto a corrigir os filósofos quando estão errados, se alinha com a visão de Trincavelli. Uma passagem que evidenciaria essa atitude em João Filopono é: “Julgo estar esclarecido que a argumentação não foi tirada das coisas afirmadas, nem a prova da eternidade do mundo foi destruída por coisas que foram aceitas por comum acordo, mas somente pelas coisas que são aprovadas por Platão. Onde acho que foi necessário não aceitarmos totalmente as declarações de Platão embasadas em nenhuma demonstração, pois, como diz um discípulo de Platão, quando os dois são amigos, é piedoso e santo tornar mais importante a verdade.” Tradução de: “Atque cuius apertum esse puto, quod non ab ipsa re ducta est proposita argumentatio, neque hic aeternitatis mundi ab iis peritur probatio, quae communi consensu recepta sunt; sed ab iis tantum, quae Platoni probantur; unde opinor oportuit nos non admodum assentiri Platonis nulla fultis demonstratione decretis. nam cum ambo sint amici, ut inquit Platonis discipulus, tamen ueritatem pluris facere, pium est et sanctum.” (*contra Proclum* VII, 2). Alguns especulam, inclusive, que essa passagem foi uma referência de Roger Bacon, quando escreveu: “Et in libro de aeternitate mundi dicitur, ‘Qui elegerit alteram partem quaestionis propter amorem consuetudinis

Depois de analisarmos as cartas e os prefácios, podemos afirmar, concordando com Schmitt (1987, p. 253-5)³⁷, que o interesse em editar e traduzir *contra Proclum* no século XVI se justificava principalmente em termos de explorar o exemplo do Filopono, que havia respondido a Proclo e defendido a doutrina cristã usando argumentos filosóficos. É improvável que editores e tradutores — eles mesmos, filósofos e leitores — ignorassem as ideias de João Filopono e seu alcance. Não obstante, é bem nítido que eles não se interessaram pelo conceito de matéria primeira como o tridimensional. Ademais, encontramos neles uma apreciação maior pelo Filopono inserido na tradição do que pelo inovador. Na verdade, chega a ser irônico que sua qualidade de intérprete de Platão e de Aristóteles fosse tão elogiada, sabendo-se que Simplício, grande crítico do Filopono, tinha-o acusado de deturpar a leitura dos dois filósofos.

Podemos especular que, no século XVI, concomitante aos inovadores e críticos dos antigos, que estendiam seu questionamento e oposição à Igreja, havia filósofos nas escolas que não usavam o critério de originalidade ou de oposição aos antigos, *per se*, para avaliar a contribuição filosófica de alguém. Eles combinavam o vínculo com a tradição filosófica e a subordinação da filosofia à revelação, que daria aos filósofos cristãos a liberdade para corrigir o erro. Na prática, a correção do erro passado, mesmo levando à inovação, é percebida como reestabelecimento da verdade atemporal.

Não obstante, é plausível que editor e tradutores tivessem pensado em todas as circunstâncias necessárias para publicar o livro e, então, decidido dirigir-se às pessoas com recursos para custear a publicação, apresentando-lhes razões de acordo com seus interesses ou posições. Autoridades religiosas, como o Papa Júlio III e o Cardeal François de Tournon, exigiam alguma justificação piedosa, enquanto uma autoridade política, como um senador, estava mais interessada em obter mais prestígio ou influência após a publicação³⁸. No entanto, como vimos, editores e tradutores expressaram também preocupações intelectuais. Trincavelli desejava filósofos que fossem bons exemplos, que não opusessem a filosofia à religião. Jean Mahot e seu irmão, na mesma linha, estimavam a capacidade de ler os filósofos e, encontrando um erro deles, estar pronto a corrigi-lo. Em acréscimo, aprovavam a retomada de bons autores e filósofos eminentes para a formação erudita dos estudantes.

non potest recte discernere veram opinionem’.” (*Opus maius*. ed. J. H. Bridges. Londres: Williams & Norgate, 1900. p. 5-6. Cf. nota p.6 l.5, p. 159)

³⁷ Porém, vale uma ressalva. Schmitt conclui que, no século XVI, a imagem de João Filopono era de filósofo cristão e de platônico. O caso do *contra Proclum* pode oferecer um contraponto, já que editor e tradutores o viram mais ligado a Aristóteles e aos peripatéticos.

³⁸ Por exemplo, Gaspare Marcello dedica a um político a parte do *contra Proclum* onde o Filopono discute algumas passagens da *República*. Cf. Carta a Giovanni Cornelio. Marcello, 1551, 45B,33-37).

Em resumo, pelas perspectivas do editor e dos tradutores, *contra Proclum* não mostra João Filopono como um inovador nem um crítico de Aristóteles, no sentido de alguém que rompe radicalmente com o pensamento aristotélico, mas o texto mostraria um filósofo “peripatético”, ou então versado nas filosofias de Platão e de Aristóteles, que contribui para a estudo da natureza, corrige alguns erros dos antigos filósofos e, antes de tudo, demonstra a coerência deste estudo com a doutrina religiosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias³⁹:

Ioannis Grammatici Philoponi Alexandrini contra Proclum de mundi aeternitate. Cautum est Veneti Senatus consulto nequis librum hunc imprimat impune, uel alibi impressum uendat. 1535. *diligentia* Ioannis Franciscus Trincauellus. In aedibus Bartholomaei Casterzagensis. (Trincavelli 1535)

Ioannes Philoponus de Aeternitate mundi contra Proclum. Hugo Rabe (Ed.). Lipsae: B. G. Teubneri, 1899. (Rabe 1899)

Ioannis Grammatici Cognomento Philoponi. Libri duodeuiginti Aduersus totidem Procli successoris rationes de mundi aeternitate, ad octauum Physicorum Aristotelis librum attinestes: Gaspare Marcello Montagnensi Philosopho Patauino Interprete. Venetiis apud Hieronymum Scotum, 1551. (Marcello 1551)

Ioannis Grammaticus Philoponus Alexandrinus in Procli Diadichi duodeciuinti argumenta. De mundo aeternitate. Opus uaria multiplique Philosophia cognitione refertum. Ioanne Mahotis Argenteaeno interprete. Lugduni. 1557. Cum priuilegio regis. (Mahot 1557)

Fontes secundárias:

COPENHAVER, B. P. Translation, terminology and style in philosophical discourse. c. 3. In: SCHIMITT, C. B.; SKINNER, Q. *et alii*. *The Cambridge History of Renaissance Philosophy*. Cambridge, Nova Iorque: Cambridge University Press, 1998.

DE HASS, F. A. J. *John Philoponus' New Definition of Prime Matter: Aspects of its Background in Neoplatonism and the Ancient Commentary Tradition*. Leiden: E. J. Brill, 1997.

ÉVORA, F. R. R. O Filopono e Descartes: conceito de extensão material. In: *Analytica*. v. 2, n. 2, 1997, p. 83–104.

_____. O Filopono de Alexandria e a crítica ao conceito de matéria *prima*. In: *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, Campinas, s. 3, v. 10, n. 1, jan.–jun. 2000, p. 55–76.

³⁹ Os textos da bibliografia primária, de domínio público, estão disponíveis digitalizados nos *sites* do Google Play Livros, do Archive.org e do HathiTrust. Deve-se destacar também o serviço prestado pela Münchener Digitalisierungszentrum Digitale Bibliothek, em cujo *site* se encontram vários manuscritos e publicações digitalizados.

FONTUNA, S. Trincavelli, Vittore. In: *Dizionario Biografico degli Italiani*. v. 96, 2019. Disponível em: <[https://www.treccani.it/enciclopedia/vittore-trincavelli_\(Dizionario-Biografico\)/>](https://www.treccani.it/enciclopedia/vittore-trincavelli_(Dizionario-Biografico)/>). Acesso em: 25 fev. 2024.

GRANT, E. *Much Ado About Nothing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

HANKINS, J. Humanism, scholasticism, and Renaissance philosophy. In: HANKINS, J. (Ed.). *The Cambridge Companion to Renaissance Philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 30–48.

LANG, H. S.; MACRO, A. D. Introduction. In: PROCLUS. *On the Eternity of the World*. S. H. Lang, A. D. Macro e J. McGinnis (Trad.). Berkley: University of California Press, 2001.

LOHR, C. H. Renaissance Latin translations of the Greek commentaries on Aristotle. In: KRAYE, J.; STONE, M. W. F. (Ed.). *Humanism and Early Modern Philosophy*. Londres, Nova Iorque: Routledge, 2003. p. 24–40.

MUELLER-JOURDAN, P. *Gloses et commentaire du livre XI du Contra Proclum de Jean Philopon autour de la matière première du monde*. Leiden: Brill, 2011. (Philosophia Antiqua, v. 125).

SCHMITT, C. Philoponus' Commentary on Aristotle's Physics in the Sixteenth Century. In: SORABJI, R. (Ed.). *Philoponus and the Rejection of the Aristotelian Science*. Ithaca, Nova Iorque: Cornell University Press, 1987. p. 251–268.

SORABJI, R. *Matter, Space and Motion: Theories in Antiquity and their Sequel*. London: Gerald Duckworth, 1988.

WILDBERG, C. *John Philoponus' Criticism of Aristotle's Theory of Aether*. Berlin, New York: de Gruyter, 1988. (Peripatoi; Bd.16).